

ALPHASTOPHETES

CORTE

Anno	16\$000
Semestre	9\$000
Trimestre	5\$000

PROVINCIAS

Anno	20\$000
Semestre	11\$000
Avulso	\$500

RUA DA QUITANDA Nº 29



O Sr. Pantalão do Amor Virino só lê o Jornal do Commercio e Gazetilha, e acaba sempre dormindo e sonhando com mortes, suicídios, espancamentos, prisões & & &.....

RECADOS Á PENNA

Além dos jornaes e publicações do costume recebemos tambem a *These*, apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 30 de Setembro do anno passado, pelo Dr. Carlos Augusto de Moraes Sarmiento. Sobre ella e sobre o n. 1 do volume VI da *Revista Mensal*, o *Direito*, e n. 105 da *Gazeta Juridica*, daremos na proxima columna critica noticia mais circumstaciada.

Ao *Club Litterario Curitybano*. Recebemos sua circular, e, em resposta, asseguramos e promettemos toda a coadjuvação que couber em nossas forças, e que já está nos nossos desejos.

O *Mephistopheles* ahi irá fazer-lhe a primeira visita, e ficamos anciosos a espera de sua revista semanal. Alguns dos nomes que subscrevem a circular são do nosso conhecimento, e fazem-nos esperar muito da referida Revista.

A' *Vida Fluminense*. Para que V. S. não tenha queixas, o *Mephistopheles* apressou-se em dar-lhe uma resposta a que se julgou obrigado, e a que V. S. tem pleno direito. Por ter sahido um pouquinho estirada, vai publicada em outro lugar.

Sr. *Valerius Madilena*: Vai publicado o seu—*Enigma*. Obrigado, pelas suas expressões a nosso respeito. Cumpra a promessa que fez de continuar, tendo sempre muito cuidado na escolha dos assumptos e nas proporções dos trabalhos.

Ao Sr. P. Publicamos na columna competente o seu—*Epigramma*—que é na verdade muito chistoso.

Sr. *Zebedeo*. A sua pergunta não tem a menor relação com a resposta. Damos-lhe um cartuxo de confeitos, um roزاریo de balas ou qualquer outro presente que nos indique, si provar-nos o contrario. A sua pergunta com a sua resposta dá-nos vontade de perguntar-lhe:—*quem é o pai dos filhos de V. S.?*

Sr. Z. P. Desconfiamos muito que V. S. é o *Zé Pereira*, tanto mais quanto estamos em vespuras de carnaval, e por isso não publicamos os seus versos, que são mesmo uma algazarra carnavalesca.

CHRONICA DA SEMANA

Rio, 23 de Janeiro de 1875.

Ha deveres, cujo cumprimento não póde ser retardado, sob pena de se incorrer na mesma falta que se commetteria no caso de não cumpril-os.

Estava nestas condições o dever que o *Mephistopheles* cumpriu hoje para com a illustre collega, a *Vida Fluminense*.

Mephistopheles preza muito os seus foros de cavalheiro, e não quiz demorar uma resposta a que a illustre collega tinha direito.

Forçado por explicações indispensaveis, e alem disto esquecido do tempo, desde que conversava com uma bella senhora, o *Mephistopheles* estendeu-se bastante.

D'ahi a falta de espaço para a chronica, do que tive previa comunicação, e do que tambem por minha vez dou comunicação aos leitores.

§

O diabo as arma assim.

No sabbado passado faltava-me assumpto para a chronica, e hoje, quando assumpto não me falta, falta-me espaço.

E quando não te faltã nem assumpto, nem espaço, dir-me-hão os leitores, falta-te geito e espirito.

E o que fazer?

Falta tanta couza ao *Mephistopheles*, que não admira que lhe falte essa, que não é das mais faceis.

Tambem..... o espirito anda tão monopolizado por ahi algures, que não admira que eu sinta-lhe a falta.

§

E na verdade, leitores, eu tinha desta vez diversos assumptos que dariam a farta alimento para uma chronica monumental em tamanho.

Entre outros posso citar-vos—a thezouraria das loterias vendendo bilhetes garantidos—o caminho de Santa Thereza em petição de miseria, e os bonds dos Plinios sem apparecerem—as companhias de bonds amolando a paciencia do respeitavel publico, de quem querem fazer um instrumento para a fiscalisação dos seus empregados—os conductores dos bonds querendo namorar as môças de todas as casas por onde passam—o Visconde de Santa Cruz dando explicações a respeito de uma gran-cruz *manquêe*, das quaes parece concluir-se que o fidalgo soffreu uma embaçadella—a inauguração da nova secretaria do ministerio da agricultura e etc. etc. e etc.

Os leitores não podem imaginar quantos assumptos vão alli dentro d'aquelles et-cæteras!

Um guardei de caso pensado para fazer d'elle muito especial menção, é o seguinte:

Sysipho, o espirituoso chronista da *Vida Fluminense*, recolheu-se ao silencio, e foi substituido por *Nemo*.

Não posso deixar de significar aos leitores da *Vida Fluminense* os meus sentimentos de pesar por esse facto, sem querer com isso fazer injuria ao *Nemo*.

Eu sympathisava-me tanto com *Sysipho*....

§

Bem vêm os leitores que eu tinha panno para as mangas, mas... não ha espaço e, pois, até sabbado.

J. PAUROT

PELOS THEATROS

Está publicamente annunciada a admissão da Sra. Maria Adelaide no S. Luiz. Foi um acerto da empreza esta aquisição.

Vi sempre com pesar a Sra. Maria Adelaide gastando suas forças e mimosas aptidões em theatros vastos, como o S. Pedro, como o Pedro II, onde por força prejudicar-se-hia o seu talento, que em sala menos vasta ha de com certeza adquirir fulgores novos, brilhando mais vigorosamente.

A peça escolhida para a sua estréa ali é a *Cabana do Diabo*.

§

Ainda uma vez é desalojado o actor Martins.

O theatro S. Pedro, onde elle mal acaba de principiar as suas representações, foi-lhe tomado para ser cedido a uma nova companhia, vinda das provincias do norte sob a direcção do Sr. Vicente.

Traz essa companhia artistas cuja nomeada já os precedeu, contando-se á frente delles a Sra. Manoella Luci, já conhecida aqui, nos ultimos bons tempos do S. Januarío.

Gozava então de bem adquirido conceito a Sra. Manoella. E' de crer que esse conceito tenha sido cultivado, e que a actriz se nos mostre mais brilhante pela pratica adquirida em tantos annos de estudo e applicação.

No theatro S. Pedro estreará a companhia com o drama a *Mendiga*, representando em seguida uma oratoria, escripta em Pernambuco e ali bem aceita, com o titulo *Os sete passos*.

Depois, ou na Phenix ou no Gymnasio, a Sra. Manoella Luci dará algumas representações extraordinarias, de repertorio mais mimoso.

§

No S. Luiz representa-se hoje a *Camara Vermelha*.

E' bonito o drama, e os ensaios foram esmerados. Com estas condições, e com o capricho que a empreza sempre emprega nos seus espectaculos, é para esperar-se muita couza.

§

O Valle está dando as suas ultimas representações, exhibindo alternadamente a magica e o *Paralytico*.

São as ultimas, é aproveitar.

§

O Cassino não annuncia ainda o dia da extréa da sua companhia. A demora é demasiada. O resultado será exhibir a empreza as suas peças quando estiverem todas *vistas, revisadas e decoradas já*.

Annuncia-se uma cousa nova no Alcazar: é o *Giroflé-Giroflos*, para o qual se faz scenario novo, e muita novidade mais se prepara.

§

Está a pingar a installação dos espectaculos no Gymnasio. O actor Amoedo, que dirige a empreza, prefere atinadamente demorar alguns dias a extréa a levar uma peça mal sabida e pouco ensaiada.

Faz bem.

§

Faz bem igualmente a Phenix em reservar agora as suas novidades para depois do carnaval. O Heller está economico, e embora tenha muita cousa no archivo, não as quer desperdiçar.

§

Quem leu quanto ahi escrevi e chegou até aqui vê que, em vez de uma revista, não fiz mais do que um annuncio em favor dos theatros todos.

Que querem, se todos os theatros não me deram novidade alguma?

GIUSEPPE DIAROLINO.

A' VIDA FLUMINENSE

Rio, 23 de Janeiro de 1875

Illustre e apreciavel collega.—Estou desconfiado de que o *assignante* que lhe enviou um artigo optimo, mas que ficou na gaveta, e a quem V. S. respondeu em o seu ultimo numero, é aquelle mesmo que na semana anterior escreveu-me e enviou-me um *artiguinho*, aliás bem deduzido e correctamente escripto, mas que tambem não foi publicado.

O maganão é um perfeito judeu, e está se divertindo a nossa custa.

Do *Mephistopheles* para a *Vida Fluminense*, da *Vida Fluminense* para o *Mephistopheles*, o gaiato vai arrançando as cousas de modo que por fim de contas ha de dar gargalhadas a valer, e nós ficaremos com cara de quem, com pretensões a esperto e sabido, cahe em alguma esparrella.

O velhaco, ladino e vivo como todo velhaco, vio que V. S., no louvavel e por modo nenhum censuravel intuito de recomendar-se ao respeitavel publico, elogiou-se,

dispensando um pouquinho de favor, e lá para isso terá suas razões, ao collega *Mosquito*, e concluindo por umas indirectas que, apesar de muito delicadinhos, porque delicadeza não falta á collega, trazião visivelmente sobrescripto ao *Mephistopheles*; e toca, artiguinho para cá, artiguinho para lá, e a estas horas está o gaiato começando já a rir-se por vêr que V. S. pegou no froco.

Creio que se pôde dizer que uma pessoa pegou no froco, que vem a ser o mesmo que subio a serra, sem quebra das leis da cortezia e da delicadeza. *Mephistopheles*, sempre galante e cortez com as senhoras, não quer que V. S. guarde contra elle o menor resentimento por causa de alguma expressão mal cabida ou menos delicada.

Sim, V. S. pegou no froco, e ahí veio tão arrufadissima que parecia mesmo uma namorada que havia surpreendido alguma infidelidade de seu querido.

Dar-se-ha acaso que V. S. ande piscando os olhos ao *Mephistopheles*?

Qual! tão feliz não é elle.

Mas, veio V. S. toda arrufadissima, e cahio sobre o pobresinho do *Mephistopheles* que foi mesmo uma crueldade!...

Ora, diga-me V. S., acha bonito tanta crueza e tanta falta de generosidade em um coração feminino? A piedade, a condescendencia, a brandura vão tão bem n'uma senhora...

Não seja má assim...

Pois, V. S., altamente collocada, cujo nome não cessa de repetir a tuba da fama, que tem um nome feito, que tanta gloria já tem, e que conta já oito annos de vida, trata assim tão mal a um pobre aprendiz (que não foi de certo o mesmo que lhe fez no ultimo numero uma consulta sobre copias), a um pobre aprendiz, que anda cá por baixo, sem fama, sem gloria, sem nome, e sobre tudo tão criança ainda!...

Não seja má assim...

E V. S. é tanto mais sem generosidade quanto leva a sua crueldade até o ponto de querer comprometter o *Mephistopheles* com o Sr. Borgomainerio, quando este illustre desenhista não tem admirador mais entusiasta, nem mais sincero do que o *Mephistopheles*.

Si não é este o proposito de V. S., a que vem o nome de Sr. Borgomainerio que V. S. acha sempre geito de enchertar nas indirectas a que me tenho referido?

Ah! maligna!

Maligna, sim, desculpe-me V. S., pois, a não ser malignidade, o jogo constante com o nome do Sr. Borgomainerio só poderia explicar-se por um prurido de pô-lo em evidencia e de redizer os seus merecimentos, o que seria da parte de V. S. senão um erro, ao menos uma inutilidade, porque para recommendar o Sr. Borgomainerio bastam e sobram os seus bellos trabalhos, e muito mais faz o seu lapis do que a penna de V. S.

Ha occasiões em que toda a franqueza é precisa, principalmente quando se falla serio como estou fallando agora, e, pois, desculpe-me, si acho o lapis do Sr. Borgomainerio melhor que sua penna, o que aliás não quer dizer que sua penna não é boa, muito boa até.

A preferencia aqui é somente relativa á proclamação dos creditos do talentoso de-

senhista de que estou fallando, e é só neste sentido que enjendo não ser melhor a sua penna.

Não vá por isso ficar agastada. O sexo de V. S. é tão susceptivel!

Mas, voltando ao assumpto, V. S. quer comprometter o *Mephistopheles* com o Sr. Borgomainerio, decididamente quer.

E' uma injustiça. Até hoje tenho sempre reconhecido e proclamado os talentos e a proficiencia do notavel professor, e antes mesmo de admirar-lhe os trabalhos, jurando nos protestos e nas affirmações da collega, isso annunciava aos meus leitores e assignantes sem ciumes nem preocupações.

E si tudo isto não basta, repito aqui agora que o Sr. Borgomainerio é um desenhista de alto merecimento, é um verdadeiro professor no genero em que trabalha. Correcto, cheio de vida e de expressão em seus desenhos, é de uma admiravel originalidade em suas creações, e da mais admiravel felicidade em suas caricaturas.

Não sei dizer a cousa *secundum artem*, comò talvez possa fazer a collega, mas com o meu alinhavado do costume ahí fica o meu juizo sobre o Sr. Borgomainerio, juizo de hoje, como foi o de hontem.

Bem vê a collega que não lhe queremos mal, e que até lhe proporcionamos ensejo para, quando citar os orgãos da imprensa que a elogiam, incluir tambem lá n'um cantinho, bem no fim, o nosso humilde mas sincero e consciencioso juizo.

Não me comprometta, pois, a collega com o seu desenhista, e peço-lhe que, como elle é italiano, lhe traduza o que hoje e de outras vezes temos dito a seu respeito. A collega fallou com tanta convicção no seu ultimo numero, respondendo ao gaiato do assignante, em jornaes illustrados da Italia, que, acredito, já andou por aquelle bello paiz, embora podesse ter noticia delles sem lá ir, e, pois, é natural que falle e traduza a lingua de Dante.

Si não o fizer, vou agarrar-me com o *Giuseppe Diavolino*, de cá, ou com o *João Bernardes*, de lá, qualquer dos quaes, segundo me consta, capisca do italiano, e encarrego da commissão um delles.

Elles não hão de ser tão máosinhos como V. S.

A' vista, pois, de tudo o que deixo dito, não precisam encommodar-se os Srs. João Guimarães, Facchinette e A. de Pinho, que dirão como profissionaes aquillo que o *Mephistopheles* diz tambem como amator.

E V. S. está tão prevenida com o *Mephistopheles*, que nem ao menos por cortezia, que de certo por ninguem seria tomada senão como cortezia, deu-lhe em seu maligno artiguinho o primeiro logar, que todo mundo sabe que compete a V. S., o que sem duvida está muito em sua consciencia.

Qual! Só depois de ter fallado bastante de si, é que cahio desapiedadamente sobre o aprendiz.

Má!

Pois, logo com *queijo do reino* é que comparou o *Mephistopheles*, e só porque o pobresinho reproduz ou apropria aos acontecimentos da terra algum desenho bonito de alguns jornaes da Europa?

Já sei, já sei de onde vem a preferencia que V. S. deu ao *queijo* para a sua comparação. V. S. gosta muito delle, e come-o fre-

quentemente; mas veja bem que o *queijo* é cousa muito boa e saborosa, mas tem o inconveniente de tirar a memoria.

E' por isso que V. S. não se lembra mais do tempo em que se inspirava tambem nos jornaes europeus, e delles copiava bem bonitos desenhos.

Si não fosse o *queijo*, V. S. se havia de lembrar das cópias feitas quando já estava na terra o Sr. Borgomainerio, antes porém de começar elle a trabalhar.

De duas lembro-me eu neste momento, de cór, e são dos ultimos numeros; uma foi applicada á questão pendente entre nós sobre systemas eleitoraes, a outra representava um dos nossos homens politicos descantando debaixo da janella de sua amada ao som da viola. Foi, salvo engano, porque escrevo em ausencia dos jornaes, o *Fischietto* que fez o emprestimo.

O *Fischietto* é um dos jornaes citados por V. S.

Si não fosse o *queijo*, V. S. não condemnaria, dando assim provas de um reprehensivel esquecimento, a fonte onde outr'ora bebeu, onde bebeu ainda hontem.

Mal agradecida!

E, entretanto, o *Mephistopheles*, que não tem fallado de si, nunca teve occasião de dizer, e não diria nunca que é completa e absolutamente original em todos os seus desenhos.

Estou até autorizado a declarar, e já o teria feito, si antes se tivesse offerecido oportunidade, que o desenhista do *Mephistopheles* inspira-se algumas vezes em jornaes europeus, apropriada aos factos occurrentes no Brazil alguns desenhos do estrangeiro.

Ha mais de uma justificação para isto.

Em primeiro logar os assignantes do *Mephistopheles*, ratões sem gosto e refractarios que teimam em não aceitar as lições da illustre collega, não se zangam com a cousa, e até a acham muito boa, como outr'ora fizeram os assignantes de V. S.

Em segundo logar o *Mephistopheles* é muito maior que V. S. (em formato, em formato só, não se encommode a collega), e tem espaço bastante para desenhos originaes e não arigenaes.

Em terceiro logar, agora appella o *Mephistopheles* para a consciencia de V. S., as copias de que V. S. fallou têm sido sempre bem acabados trabalhos, que nada têm que invejar aos originaes, excedendo-os ás vezes, segundo já tenho ouvido dizer por pessoas competentes.

Ora, diga agora que não é assim, consulte mesmo o juizo muito autorizado do Sr. Borgomainerio.

Este desenhista mesmo já tem tido occasião de declarar que admira a habilidade e actividade do desenhista do *Mephistopheles*, e que elle não seria capaz de encher com regularidade e pontualidade sem extraordinario esforço, um jornal do formato do *Mephistopheles*.

E negará V. S. que o *Mephistopheles* traz sempre uma grande variedade de trabalhos, e que grande parte delles é original?

Já vê, pois, a collega que o *Mephistopheles* justifica-se, e que não faz mysterio disso com que S. S. julgou, nos assomos de seus arrufos de namorada, fazer-lhe uma grande pirraça.

E que pirraça! As raivinhas são sempre



NA ALLEMANHA

Alli os bispos são presos, encarcerados de veras, pagam multas e são deportados.

Ando como Progenes de vela acesa a procura de outro delegado como o Benevides, e nada de achar. Depois que o Benevides deixou-me, nunca mais a policia fez uma bilhatura!



O Sr. Ministro da Agricultura muda a sua tenda com todos os seus morceis, inclusive a preguiça.



Li é della a postura que te dá para guardai? Esta lá na Policia, se quizer vi procurar.

Faria



NO BRAZIL

Aqui são presos a fidalga, recebem ordem de prisão no meio de cumprimentos, e em cima de tudo recebem dinheiro, e continuam a governar.

(Essa differença!)

injustas e cegas. A collega chega a esquecer o seu procedimento de hontem!

Verdade é que teve a cautella de escrever no final do setimo paragrapho do seu *beliscãozinho* o seguinte:

— ... a *Vida Fluminense d' agora*...

D' agora, heim? Sabida!

Mas, veja bem, V. S.; ou não escreve aquelle *agora*, e as suas censuras fazem vontade de a gente rir, principalmente porque os cumprimentos dos profissionaes que a estão tornando tão ancha, são tão novinhos que são mesmo umas criancinhas de hontem, ou V. S. escreve o tal *agora*, e então condemna o seu passado, e vem declarar ao respeitavel publico que durante oito annos logrou-o, servindo-o mal, pois nada mais era do que uma especie de *queijo do reino*, que antes de ser exposto á venda passa pela alfandega... como genero importado.

Collega, deixe se disso, nós vivemos na mesma terra, nós nos conhecemos.

Ha uma outra ingratidão da collega, que não posso deixar passar sem reparo, e é a que se refere ao desenhista do *Mephistopheles*.

Não presta elle hoje, na opinião da collega, entretanto, já encheu muitas de suas paginas!

Esse *lapisinho* (veja bem V. S. que eu digo *lapisinho*) hoje tão amaldiçoado e amesquinhado, já desenhou muito para encher-a e illustrar-a.

Volta que o mundo dá!

Collega V. S. apesar de mais crescida em idade, parece que nem por isso tem mais experiencia do que eu, ou então finge não tel-a.

Pois V. S. não conhece o publico? E' um sujeitinho caprichoso, birrento, impertinente, mas tambem tem suas coherencias e firmeza de opinião; é por isso que elle, que já outr ora apreciou o desenhista do *Mephistopheles*, quando o era da collega, aprecia-o ainda.

Que quer que lhe faça? Quem pode com os caprichos do publico?

Em materia de gosto não se póde exigir uniformidade de opiniões. Si não fosse a diversidade de gostos, as lojas não vendiam chita amarella, gravata encarnada, etc. etc.

Quer o collega mais uma prova de que ha gente que não tem gosto e não sabe apreciar o que é bom. Ah! vai.

V. S. annunciou que de janeiro em diante augmentaria o seu formato, e seria impressa ora em papel *estampado a duas tintas*, ora *ornada de vinhetas a meia tinta*; e assim o tem feito; entretanto já tenho achado quem duvide do augmento do formato, e diga que soffreu decepção, quando vio os taes papeis a duas tintas e vinhetas a meia tinta.

Que mais quer? E é tudo assim; nem tudo agrada a todos.

Si ao menos dissessem que os taes papeis a duas tintas e vinhetas a meia tinta vêm promptos da Europa, e que, portanto, *passando pela alfandega como genero importado*, *reduzem-se ás proporções de queijo do reino*, não tinham razão de certo, mas... vá; porém dizerem que soffreram decepção, isso é prova de má gosto.

E agora é que reparo que tenho já escripto de mais, roubando um tempo precioso á collega.

A culpa é de V. S. andou a querer dizer umas amabilidades ao *Mephistopheles*, mas

indirectamente, e eu entendi dever fallar-lhe francamente, e demorei me quasi sem consciencia, porque um cavalheiro, sempre que conversa com uma dama, não se apercebe da carreira veloz do tempo.

Bem razão teve quem disse que o relógio lembra as horas, a passo que a mulher faz esquecer-as.

Certo de que o collega não se zamgará com a minha franqueza, nem continuará a ser tão másinha como foi em seu ultimo numero, declaro-lhe que, como V. S., nada mais quero do que — *dar a Deus o que é de Deus e a Cezar que é do Cezar* — e continuo a fazer-lhe mil protestos de respeito e admiração, por ser

Collega e admirador

MEPHISTOPHELES.

COLUMNA CRITICA

« GRITOS DA CARNE » por José Leão. — « O LIVRO DOS ESPIRITOS » por Allan Karlec, traducção de Fortunio.

Tem-se dito que a função de juizar é commum ao juiz e ao critico. Um juizo litterario vem a ser pois uma sentença.

De accordo, mas com restricção.

O juiz baseia-se em provas, que considera á luz do direito escripto ou dos principios da jurisprudencia universal. Condemna ou absolve.

Fundado nos preceitos da esthetica, e nas lições dos bons mestras, que são os legisladores do gosto, tambem o critico ás vezes condemna, e portanto julga. Mas, quando não condemna, elogia, louva. Ora, o juiz não louva nunca, ainda mesmo absolvendo. Vê-se que o mister daquelle tem mais esphera do que o deste.

Ainda mais

Ao juiz falta uma importante attribuição do critico, o *dare consilium*. Assim o que ao primeiro é expressamente vedado pela lei, aconselhar as partes, constitue, quanto a nós, a mais elevada faculdade do segundo. Quantas vezes um conselho tem mais efficacia do que uma sentença!

No critico, portanto, além do julgador é licito ver o amigo, e até o pae, que é o conselheiro por excellencia, posto pela natureza, essa mãe providente, ao pé de todo homem. No juiz é licito ver apenas o juiz.

Estas reflexões cahiram-nos irresistivelmente da penna logo após a leitura do pequeno livro de versos ultimamente publicado nesta corte sob o titulo — *Gritos da carne*.

Este titulo na primeira pagina de um livro de versos suggere alguma cousa de curiosidade ou de surpresa legitima. Fomos victima destes dous sentimentos.

No prologo o autor, que é um jovem, referindo-se a Alvares de Azevedo, á cuja memoria, offerece a obra, diz que, em suas mãos a musa do romantismo se tornou o retrato excarnado da messalina das ruas... Diz mais que « os *Gritos da carne* são uma variante do sensualismo que em 1830 desvairou todas as frentes », e que são elles uma « copia fiel desse estado indefinivel a que a alma é arrastada pelo corpo, em que os impetos do coração offuscam de todo a mente, e a materia, soberana despotica do mundo, sabe victoriosa da luta interminavel travada contra o espirito. »

Temos pois nessas paginas, que a juventude escreveu com as suas ousadias e os seus delirios, um romantismo sensual, material, que esmaga.

Antes de termos lido os versos, afigurou-se-nos, vendo simplesmente o titulo, que um livro de poesias eroticas nos pousava nas mãos.

Lembrámo-nos dos erotikos gregos, que no paganismo da idade tinham a primeira attenuante em favor da desenvoltura dos seus cantos.

A audêz, o vinho, a devassidão constituíam leis. As festas a Venus, as festas a Baccho eram verdadeiras instituições nacionaes. Anacreonte dizia:

« Oh! enchei, bellas damas, enchei!
Bebi muito, e inda a sede me abraça;
Lançai mais! em bastando eu direi,
Guapas damas, enchei pela rasa!

Da cabeça ao calor murcha está
Esta cr'oa, trançai-me outra já!
Não poderem, nem vinho nem flores
Acalmar-me este fogo de amores!

O espirito das bacchanaes e das orgias tinha de necessariamente influir sobre a musa popular, e afinar as cordas das lyras hellenicis.

Então, sim, era licito pedir impressões á materia crassa, ao sensualismo dissoluto, porque se estava no pleno *bacchanalia vivere* de Juvenal.

Apezar de tudo, não conhecemos em um só dos eroti-

cos gregos uma canção que se possa comparar na dureza da expressão e na sordidez do sentido a este verso do autor dos *Gritos da carne*:

« Eu amo essas cabeças dissolutas
Que vendem no balcão seu corpo immundo,
O amor das mulheres prostitutas
Tem não sei que de grande e de profundo.

« Que fóra de nós outros sem aquella
Doce consolação e paz da vida,
Que em vez de procurar n'uma donzella
Encontramos no seio da perda! »

Ora, verdadeiramente fallando, isto já não é poesia e rotica: taes versos não são mesmo do gosto das *Flores do mal* do infeliz C. Beaudelaire, que aiás mereceu aquella brilhante introdução justificativa, necessaria, da penna de Theophilo Gauthier.

Aqui alguma cousa ha de lascivia feroz, de atroz desespero, realmente lamentavel em quem parece reunir dotes, que habilitam para a cultivacão de um solo mais fecundo do que esse maligno lodagal.

Sem que nem de leve queiramos offender o autor, a quem não conhecemos, mas em quem reconhecemos direito á cortezia que todos nós nos devemos uns aos outros, não podemos deixar de expressar com franqueza a seu respeito o nosso juizo.

Lendo taes versos, que contam muitos irmãos no livro, a idéa que nos occorreu foi a de não estarmos em uma sociedade do seculo XIX.

A poesia apparece aqui abatida e descomposta. Tem a face esqualida, os labios gretados pela febre da concupiscentia.

Despiu a clamyde greza, a tunica christã, o vestido de gaze que vai tão bem á musa moderna e veio exhibirse nua, impudica e bravia, diante de plena civilisação. Esse spectaculo inesperado e estranho, que acaba de dar um autor que poderia ter feito melhor applicação da sua acticidade intellectual e da sua imaginativa nos repugnou e entristeceu.

Onde estava para o poeta a intuição christã, que transformou moral, politica e socialmente o mundo antigo, essa intuição que preparou a gestação do espirito moderno despertando neste a força que as lutas das idéas e dos principios tornavam essencial e impreterivel?

A intuição christã estava longe do poeta, quando elle compoz não só aquelles mas principalmente estes versos:

« Eu não creio, meu Deus que além do mundo
Existe outro viver, mansão de graça,
Differente do barathro profundo.

« A mente vos creou, sonho nefando,
Como estorvo aos prazeres desta vida
Gozados uma vez de quando em quando. »

Piamente acreditamos que em tudo isso apenas andam arroubos inconscientes de jovens espiritos que ainda não tem bem accentuada a idéa de que a patria precisa d'elles, e os quer dignos della, dignos de de a escola até que se lhes fecharam as portas da Faculdade.

Cédo ha de vir a idade da reflexão; pela prudencia do amadurecer será substituída a violencia do desabrochar.

A observação, e a meditação, que os annos e o estudo trazem como uma fatalidade salutar, hão de convencer o escriptor de que a sociedade não é tão má como nos pinta em versos.

A honra não emigrou de todo dentre nós. Não estamos na França de Luiz XV.

O seculo é dos principios, o que importa dizer das grandes conquistas e das nobres regenerações.

E quando nos enganássemos neste juizo que livremente fazemos das nossas cousas, caberia justamente á poesia a elevada missão de contrapor á infecção geral, ao materialismo desbragado, á corrupção alvar e dissolvente, o contraveneno da boa moral, das aspirações sãs e das paixões redimidoras.

Fôra justamente em tal estado de cousas, o qual na epocha actual, não obstante a communa de Paris, nos parece uma abstracção, que a poesia teria muito que fazer, restaurando o gosto, recordando e preconizando as virtudes esquecidas e extintas, procurando com os exemplos edificantes do passado reconstruir a sociedade em bases solidas, de que a moralidade e o pudor fossem a argamassa. A poesia, essa vestal que em todas as sociedades recebe culto, não tem o direito de desnortear-se nas equivocas regiões do vicio, do epicurismo e da descrença.

Temos fallado, não como o critico que julga, senão como o critico que aconselha.

Pedimos ao Sr. José Leão que, no segundo livro que houver de offerecer-nos, e que com certeza nos offerecerá dentro em breve, só nos dê a lèr versos gentis do quilate destes, que vêm como uma auspiciosa contradicção, á que o poeta allude, nos *Gritos da carne*:

« Amor é a luz dos teus olhos,
Quando se abysmam nos meus;
E' qual vertigem dos céus...
Amor é a luz dos teus olhos.

« Amor são risos e flores,
Segredos do coração;
Suspiros dados em vão...
Amor são risos e flores.

« Amor, amor são encantos
Da natureza louçã:
A vida em sua manhã...
Amor, amor são encantos.

« Para fallar a verdade
Já me não lembra esse dia
Em que primeiro nos vimos...
O que eu nunca esqueceria
E' que fiquei te adorando
Como um anjo do Senhor.
E quem eras tu, creança?
O germen de um grande amor.

Ai, não me peças a historia
Desse tempo afortunado!
Acaso não tens meus versos
Que fallam desse passado?
Como as tormentas marinhas,
As tempestades do amor
Nos levam com segurança
A algum porto salvador. »

Queremos crêr que si o autor dos *Gritos da carne* tivesse lido o *Livro dos espiritos*, composição de Allan Kardec, da qual Fortunio acaba de dar-nos uma boa versão em portuguez, que o Sr. Garnier editou, teria já visto operar-se em suas crenças philosophicas a mais radical transformação

O acaso diverte-se em nos preparar contrastes. No mesmo instante em que nos chegou ás mãos aquelle livro, chegou-nos tambem este. Entre os dois ha um abysmo.

O *Livro dos espiritos* contem uma philosophia consoladora e terna.

Si nessa nova sciencia, que tantos cultores vai tendo na França, e tanto proselytismo tem conquistado na Allemanha, donde nos veio ella, não passa de uma impostura, força será reconhecer que a impostura é seductora, e inoffensiva, e promette ir bem longe, apesar do ridiculo com que a tratam uns, e dos insultos que lhe dirigem outros. São deste ultimo numero os ultramontanos, que fingem ignorar que a philosophia espiritica assenta em bases summamente religiosas.

Para responder aos primeiros, escreve o autor do *Livro dos espiritos* as palavras, que com permissão do leitor, aqui transcrevemos:

« Zombar daquillo, que se não conhece, que se não sondou com o escalpello do observador consciencioso, não é criticar, é dar prova de leviandade e tri-te idéa do proprio juizo. Si tivéssemos apresentado essa philosophia como parto do cerebro humano, ella teria encontrado sem duvida menos desdem, e teria alcançado as honras da observação daquelles, que têm a pretensão de dirigirem a opinião publica; mas essa sciencia vem dos espiritos; que absurdo! apenas merece um olhar, julgam-na conforme o seu titulo, como o macaco da fabula que fazia idéa da noz pela casca. Fazei, si quizerdes, abstracção da origem: supponde que *este livro* foi feito por um homem, e dizei em vossa alma e consciencia, depois de o haverdes lido seriamente, si motivo achais para zombaria. »

Aos segundos, os ultramontanos, que condemnam por toda a parte tudo só não o ultramontanismo, o qual aliás é a negação do bem, da justiça e da verdade universal, responde com estas palavras do proprio S. Agostinho, testemunho que devia ser insuspeito, cremos nós, á tal seita:

« Ha muito tempo que os homens se guerreiam e mutuamente se excommungam uns aos outros em nome de um Deus de paz e de misericordia, e Deus se offende de tal sacrilegio. O espiritismo é o laço, que os ha de ligar algum dia, porque lhes ha de mostrar onde está a verdade, onde o erro; mas até lá, haverá ainda por muito tempo escribas e phariseus, que o negarão, como negaram Christo. Sabeis debaixo de que influencia estão os espiritos das diversas seitas, que partilham o mundo entre si? Julgai-os pelas suas obras e pelos seus principios. Nunca os bons espiritos instigaram ao mal; nunca aconselharam nem legitimaram o assassinio e a violencia; nunca excitaram os odios dos partidos nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da terra (é a elles, aos ferozes ultramontanos que se dirige sem duvida alguma o sapto doutor da igreja); só aquelles que são bons, humanos, benevolos para todos, são os seus preferidos, e tambem os preferidos de Jesus porque esses seguem o caminho, que elle indicou para se chegar a elle. »

Seja de origem sobrenatural ou seja de origem humana; seja uma sciencia, que se inaugura, uma verdade achada, ou uma especulação ou systema philosophico, o que não é possível negar ao espiritismo é um fundo de elevada moral, cuja moderada observação pôde adoçar os costumes, abrandar as indoles, e fortificar a crença do Ente Supremo.

O que diz Allan Kardec na introdução do *Livro dos espiritos* quanto ao testemunho de homens serios e de sociedades sinceramente interessadas no descobrimento de verdades metaphysicas, os quaes, homens e sociedades, proclamam na França, na Allemanha, e em muitas outras terras os resultados da sciencia espiritica, é tambem cousa, que fica fóra de toda contestação.

Será crível que tantos caracteres respeitabilissimos, e tantas associações, algumas expressamente organisadas para o fim de estudarem os phenomenos do systema espi-

ritico, se tenham desviado a ponto que venham depois trazer a lume resultados imaginarios, ou puras invenções a titulo de resultados da observação mais conscienciosa e irrecusavel?

Refutação seria do systema não appareceu nenhuma ainda, força é dizel-o.

Pelo contrario: Ninguem já leu o livro de Kardec, ou os jornaes que as sociedades espiriticas publicam ha annos em diversas capitães europeas, que se não confessasse propenso a uma doutrina cujas afirmações e maximas mostram inteira conformidade com os principios da razão universal.

Lêde com certa concentração de animo, o livro cuja leitura o Sr. Garnier acaba de facilitar ao publico desta corte, e no fim dizei-nos si achastes ahi alguma resposta absurda, paradoxal, impia, algum principio menos accesivel ao bom senso geral, ou offensivo á moral mais sã e mais exigente.

Não pretendemos, assim nos exprimindo, fazer a apologia do espiritismo, cujas bases somos dos primeiros a considerarem como hypotheticas.

Manifestamos porém sympathia a uma doutrina que, sem negar o grande papel da materia na criação, condemna o pantheismo, que reduz Deus a fracções infinitesimaes, o materialismo, que o rebaixa a zero, o atheismo, que inteiramente o exclue.

Eis porque somos de opinião que o Sr. Garnier, publicando o *Livro dos espiritos* nos offereceu um antidoto de muito germen venenoso na região das idéas, um estímulo ao estudo e ás meditações psicologicas, e até um óbice ao ultramontanismo, que se esforça e multiplica na propagação do anthropomorphismo, e que é o principio materializador por excellencia do mundo moderno.

JUNIUS.

ANGELITA

V

Ainda hoje depois de tantos annos, sinto em minha alma a vaga repercussão, a saudosa harmonia daquellas palavras de Angelita. Nesse momento ellas foram para mim um echo divino, que me prophetizou suprema doçuras.

O vasio, que estava em trevas e em gelo, desde logo povoou-se de esplendores. Sombrio, solitario, deserto, eil-o de chofre innudado por uma viva sensação de felicidade ineffavel.

Com tudo, a mudança foi subita, o gozo vago, a consolação posto que deliciosa, inexplicavel. Ora, não agrada muito á razão o que elle não explica. Eis porque o atheismo pôde ter existencia.

Era tudo ainda monstruoso, informe, sem proporções determinadas.

Por outro, lado que é que tinha isso, quando eu sentia o vacuo aquecido e illuminado embora confusamente? Accendêra-se uma luz dentro no aposento, um instante antes escuro e humido. A luz é sempre a luz, symbolo da providencia, do conforto e da felicidade.

Mas o phenomeno produziu seus effeitos com incrível celeridade.

Cinco minutos depois o que continha a solidão recondita já não era o incomprehen-sível; era sim a imagem de uma creatura celeste, uma mulher, sim, mas uma mulher ideal, um espirito angelico, em cuja adoração eu me sentia instinctivamente embevercer.

Esse espirito, essa idealisação da fórmula e do encanto plastico era, no fim do espectáculo, Angelita, nomeadamente Angelita. O calor, a vida, a luz, a felicidade, então firmemente desenhados, formavam um só sentimento, uma só delicia — o amor. Amor! prodigio! O amor tem o poder de converter o átomo em um mundo, como a gotta de

leite da divindade fabulosa se transformou na radiante constellação denominada via lactea, que fulgura no firmamento.

Os primeiros dias, que se seguiram ao brilhante episodio, decorreram para mim nessa especie de sobresalto ou mystica perturbação do coração impressionado.

Minhas occupações forenses não me davam muito tempo para entregar-me á deleitosa lembrança durante as primeiras horas do dia. Absorvido pelas obrigações do momento o enleio intimo soffria necessariamente a forçada trégua.

Em compensação as tardes e as noites eram exclusivamente occupados por Angelita, por essa incipiente mas tão vigorosa paixão.

Eu jantava e sahia sem destino para a rua, quando dava por mim estava nas immedições da casa de Angelita.

Demorava-me então horas esquecidas recostada á varanda da ponte, a olhar na direcção daquella casa.

Mais de uma vez succedeu-me ser despertado da doce contemplação pela voz do sino, que dobrava a silencio.

Outras vezes, meditando mais detidamente sobre a metamorphos e da minha vida, eu tinha medo daquelle amor.

Certamente não era um amor de tal especie e natureza o que eu imaginava e queria nas minhas longas insomnias. O sentimento licito, possível, do qual resultasse para mim a posse legitima de uma mulher pura, a quem me unisse um laço impolluto— era isto o que eu sonhara. De repente porém, tudo mudado e eu me via a braços com uma situação imprevisita, que, seestava que eu o percebessem abatêra todas as minhas energias e transtornara o mais bem acabado plano.

AQUARIUS

(Continúa.)

ENIGMA

Quem fôr o todo d'esta,
Si tiver de si—terceira,
Deve ter prima e segunda
Para viver sem cancelira.

VALERIUS MADILENA

EPIGRAMMA

Certa moça que vivia
De só copiar bonécos,
Mudou de vida n'um dia
Passando a pintar marrecos
E na lida com os bichinhos.
Que nunca estão caladinhos,
Que sempre estão a gritar,
Ganhou a moça a mania
Que distingue a bicharia:
— Passou a vida a grasnar.

P.



Os barbeiros sabem escolher o momento de declarar aos fregueses que fazem agora a barba por tres tostões. Em tal situação quem pôr honra que recuse



Para popularisar os servicos da edilidade, conta-nos que o Sr. Annaud vai fazer um panno de boca para o Alcazar com este desenho



- Amigo, ensine-me a receita que tanto o faz engor^{dar}.
- hoje não é possível, meu caro; para criar estas banbas aproveitei o tempo da carne barata, hoje com carne cara e magra que se nos vende ninguém será capaz de engordar



Morphitopheles dá as mãos a bolo aos seus assignantes por não ter-lhe dado hoje a folhinha, conforme prometeram. Dal-a-há com certeza no domingo proximo. Quem confessa o seu peccado merece perdão



- Sentido! alli vem um sujeito, vamos atacal-o para vêr se elle toma algumas acções. -
- Seu tal! Já chegamos a este ponto! se são tantos as empresas.....